

# Jovita: a donzela guerreira da guerra do Paraguai

NORMA WIMMER\*

**RESUMO:** Antonia Jovita Alves Feitosa, conhecida simplesmente como Jovita Alves Feitosa, nasceu na fronteira entre Piauí e Pernambuco, a 8 de março de 1848. Em 2017, seu nome passou a incluir o livro dos heróis, no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília. Existem várias versões de seu envolvimento, como soldado voluntário, nas tropas que foram enviadas para o Sul do país, durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), assim como acerca das circunstâncias de sua morte. Vários escritores relatam sua história; alguns a associam a Joana D'Arc, enquanto outros não fazem referência a nenhum possível destino místico. Acredita-se que Jovita tenha sabido da invasão da região fronteira de Mato Grosso do Sul por ocasião do início dos conflitos e tenha sido levada a alistar-se como voluntária para vingar as mulheres atacadas pelo inimigo. Para realizar seu objetivo, caminhou pela longa distância que a separava de Teresina, vestida de homem, com os seios cingidos, com os cabelos cortados à faca e usando chapéu vaqueano. Mesmo tendo sido desmascarada em uma feira local, embarcou para o Rio de Janeiro usando a patente de segundo sargento. Nos lugares em que o navio parava, era aclamada pela imprensa. Após sua chegada ao Rio de Janeiro, as notícias sobre ela tornam-se difusas e originam várias interpretações. O presente artigo reconta a história da Voluntária da Pátria Jovita Alves Feitosa sob a perspectiva da donzela guerreira conforme a compreendem Eric Hobsbawm e Walnice Galvão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Donzela Guerreira; Guerra do Paraguai; História; Jovita Alves Feitosa; Mulher.

**ABSTRACT:** Antonia Jovita Alves Feitosa – widely referred to simply as Jovita Alves Feitosa – was born on the border of Piauí and Pernambuco, on March 8th, 1848. In 2017, her name was included in the book of heroes, in Tancredo Neves Pantheon of Fatherland and Freedom, in Brasília. There are various versions of the story regarding the circumstances of her participation as a volunteer soldier in the Brazilian troops that left for the South during the Triple Allies War against the Republic of Paraguay (1864-1870), as well as controversies surrounding her death. Her history was recounted by several writers; some of whom associate Jovita with the figure of Joan of Arc, while others make no reference to a possible mystic destiny. It is believed that Jovita learned about the land invasions and the events in Mato Grosso do Sul during the war's beginning through newspapers. The news made her decide to join Piauí's volunteer troops to avenge the Brazilian women who were attacked by the enemy. In order to accomplish her objective, she walked the long distance that separated her from Teresina, wearing men's clothes that hid her breasts, a cowboy hat, and short hair, which she cut using a knife. Even though Jovita was unmasked at a fair, she still left by ship for Rio de Janeiro as Second Sergeant. In every place that the ship stopped, the press praised her heroism. After her arrival in Rio de Janeiro, news about her became blurred and originated several investigations. This paper recounts the history of Voluntária da Pátria Jovita Alves Feitosa from the perspective of the warrior maiden using the framework of theories proposed by Eric Hobsbawm and Walnice Galvão.

**KEYWORDS:** History; Jovita Alves Feitosa; Warrior Maiden; Paraguay War; Woman.

---

\* Departamento de Letras Modernas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/SJRP – São José do Rio Preto – 15054-000 – SP – Brasil. E-mail: norma.wimmer@unesp.br

Antonia Jovita Alves Feitosa, conhecida na história brasileira simplesmente como Jovita Alves Feitosa, nasceu em Inhamuns, região de Brejo Seco (atual Araripe, próximo a Jaicós, na divisa entre Piauí e Pernambuco), em 08 de março de 1848. Sobre as circunstâncias de sua morte existem várias versões. Seu nome figura, a partir de 27 de março de 2017, no *Livro dos Heróis*, no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves. A história de Jovita teve várias releituras; em algumas delas, a jovem é associada à Joana D'Arc, caso do folhetim de Sabbas da Costa, publicado no Semanário Maranhense a partir de 19 de janeiro de 1868 ou do romance histórico de Francisco Assis Almeida Brasil cujo título *Jovita, a Joana D'Arc brasileira* (2000), em edição comemorativa dos 500 anos da descoberta do Brasil, retoma seu *Jovita, missão trágica no Paraguai* (1992); em outras, como as de Visconti Coaracy (1865), não aparece alusão ao destino místico da personagem.

Jovita teria, muito jovem, perdido a mãe, vítima do cólera morbus e vivido com o tio, em Jaicós. Por meio de notícias de jornal (do Jornal do Comercio, em particular, que o tio lia quando ia ao vilarejo mais próximo de sua propriedade e cujas novidades reportava à sobrinha), teria tido notícia da Guerra do Paraguai (1864-1870), da invasão das terras litigiosas na região do atual Mato Grosso do Sul e dos desmandos do invasor, notadamente com relação às mulheres (eram comuns as notícias de castigos e estupros), fatos que a levaram a querer alistar-se, em Jaicós, como voluntária, para seguir, na condição de soldado, a partir de Teresina, o contingente de voluntários do Piauí, que se destinava aos esforços de guerra. Para tanto, percorreu a pé, com os cabelos cortados à faca, com os seios cingidos, vestindo roupa de homem e usando chapéu de vaqueano - assumindo, portanto, identidade e papel masculinos – a longa distância de 365 km entre Jaicós e Teresina. Foi desmascarada em uma feira local e acabou tendo seu pedido de alistamento transferido para o Rio de Janeiro. Jovita embarcou, entre agosto e setembro de 1865, engrossando o incerto número de voluntários do Piauí (fala-se, ao mesmo tempo, em 1320 e 460 alistados). A figura da jovem de 17 anos usando “saiote” e blusa militar foi amplamente explorada pelos jornais das cidades em que ancorava o navio no qual viajava; onde quer que a moça/soldado desembarcasse, eram realizadas recepções, festas e apresentações de teatro em sua homenagem. Depois de chegar à capital, teria até mesmo sido levada à Corte. Na imprensa – no Diário de Pernambuco, no Semanário Maranhense, no Diário localizados diversos depoimentos referentes à Jovita. Retomamos aqui a descrição da heroína por Damião de Góis, publicada com o pseudônimo “Um fluminense” e inserida sob forma de citação, no romance de Assis Brasil. Tratava-se de um tipo índio:

[...] estatura mediana, maneiras simples e sem afetação, despida daquela gravidade que impõe um respeito profundo, bem proporcionada, rosto redondo, uma cútis amarelada, cabelos curtos, crespos e dum negro encaracolado, mãos de homem e secas, pés grandes. Seus olhos negros, cheios de luz, a tornam simpática, seus lábios fechados com alguma graça ocultam dentes alvos pontiagudos.... (ASSIS BRASIL, 2000, p. 366).

Jovita era bastante popular: encontravam-se, em jornais do Rio de Janeiro, anúncios sobre a venda de cartões com sua fotografia, por ela autografados. Assis Brasil reproduz

fotografia em curto trecho descritivo: “[...] sua vestimenta é um misto de fardamento de soldado e de vestido longo das *vivandeiras*, que acompanhavam os seus homens, para tratar de seus ferimentos ou vê-los morrer e enterrá-los” (ASSIS BRASIL, 2000, p. 316).

Nos primeiros meses de 1865, a guerra contra o Paraguai mobilizou os vários segmentos da sociedade brasileira: acreditava-se que o conflito - considerada a desproporção das forças envolvidas - duraria pouco tempo, no máximo seis meses, e que o envolvimento e a atuação de um voluntariado bem treinado, decidido e empenhado seria eficiente o bastante para derrotar o inimigo. Percebe-se inicialmente, portanto, todo um clamor patriótico articulado pela imprensa; mas este vai decrescendo na medida em que os combates se intensificam e em que a guerra perdura (durou, na verdade, cinco anos). Nesse sentido, a imagem de Jovita também foi muito explorada: visava-se, é provável, por meio de sua imagem, convencer os homens indecisos ou recalcitrantes a se engajarem como soldados voluntários da pátria. Afinal, se uma moça tinha enfrentado toda sorte de agruras para alistar-se, por julgar importante sua participação nos embates do *front*, os atemorizados cidadãos do sexo masculino deveriam mirar-se em seu exemplo...

No Rio de Janeiro, após as necessárias tramitações burocráticas, ficou estabelecido, pela Secretaria de Guerra, que Jovita não poderia seguir para os campos de batalha na condição de soldado (apesar de ter recebido, ainda em Teresina, a patente de segundo sargento): alegaram que ela deveria alistar-se como auxiliar dos serviços médicos, atividade desejável para pessoas de seu sexo. Por essa razão, Jovita teria embarcado para o Paraguai no vapor Jaguaribe, como enfermeira, entre agosto e dezembro de 1865, segundo algumas versões.

A partir desse momento, de 1865, sua história fica envolta em mistério. Julgam alguns historiadores que, na verdade, não foi incorporada e nem chegou a partir do Rio de Janeiro. Diante da impossibilidade de integrar as forças de guerra na condição de soldado, ela teria retornado ao Piauí com as despesas custeadas por “admiradores”. O historiador Francisco Doratioto (2002) conclui que Jovita, como grande número de mulheres alinhadas nas tropas, trabalhou como enfermeira em hospitais de sangue. Segundo outros, Jovita teria atuado ao lado de Ana Neri e morrido disfarçada de soldado nos incêndios da batalha de Acosta Ñu em 1869. Afirma-se ainda que, logo depois dos primeiros combates, Jovita teria retornado ao Rio de Janeiro, iniciado um relacionamento com o engenheiro inglês Guilherme Noot da Cia. City Improvements e, abandonada por ele - que teria voltado para a Europa sem sequer dela despedir-se - teria cometido suicídio. Segundo outros ainda, ela nem teria saído do Rio de Janeiro e teria falecido no incêndio do imóvel no qual morava, na região da Lapa. Esse tipo de incidente nas velhas construções da capital do Império parece não ter sido muito raro. Foi, muitas vezes, atribuído a moradores que os causavam propositalmente, temerosos - devido à precária situação das edificações - dos aterrorizantes surtos de cólera.

Evidentemente, a versão da morte de Jovita nos incêndios deflagrados em Acosta Ñu, tentando salvar algumas crianças, é a preferida daqueles que associam sua imagem à de Joana d’Arc. Nessa batalha, ocorrida em 16 de agosto de 1869, foram mortas, por

militares aliados, e por ordem do Conde d’Eu, 3.500 crianças paraguaias treinadas para a guerra, armadas e disfarçadas de adultos (com bigodes e costeletas pintados a carvão para, vistas à distância, parecerem mais velhas). Seguindo ainda essa esteira heroica e dotando a personagem de certo toque místico, o romancista Assis Brasil, por exemplo, atribui a Jovita sonhos proféticos através dos quais Nossa Senhora do Perpétuo Socorro confiava a ela uma tarefa de extrema importância para o futuro do país, lançando mão, portanto, de uma espécie de paralelo com as vozes de Santa Catarina, Santa Margarida e do anjo São Miguel, ouvidas por Joana d’Arc. Estas vozes a teriam alertado sobre sua importância para o futuro da França. Nos sonhos de Jovita, Nossa Senhora, premonitória, lhe aparecia ainda antes de seu alistamento, “[...] entre o fumo e o barulho, entre o fragor e a fúria da batalha, tal e qual a imagem pequena que tinha no oratório de sua casa” (ASSIS BRASIL, 2000, p. 339), confiando-lhe seu destino guerreiro, assim como ocorrera com a virgem de Orléans. Sua missão seria, em conformidade com o romance histórico de Assis Brasil, salvar, durante a guerra do Paraguai, a vida de dois militares feridos em combate - Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto -, personagens de grande importância para a já não tão distante república brasileira. A moça ainda sonha que a Virgem do Perpétuo Socorro faria os dois militares darem-se a conhecer por meio de um sinal; este sinal seriam as medalhas que, também em sonho, eles lhe teriam oferecido no Rio de Janeiro, na Corte. A devolução das medalhas aos dois militares marcaria a conclusão da missão de Jovita.

Assim como alardearam a chegada ao Rio de Janeiro da “voluntária da pátria”, alguns jornais cariocas trazem notícias sobre sua morte, sobre a impossibilidade de seu engajamento militar e presumível suicídio (que teria ocorrido em 1867). Escreve-se também a respeito das dificuldades em custear o funeral e erguer um túmulo digno, noticiando a publicação de um volume com sua biografia, cuja venda seria revertida em prol da construção do jazigo.

A questão das datas, notícias e paradeiro de Jovita, portanto, mostra-se – como comumente ocorre no que diz respeito a pessoas e eventos situados em tempos mais distantes no passado, e envolvendo fatos não reportados pela história oficial – bastante controversa.

Em 1909, em Coimbra, o escritor português Eduardo de Noronha decidiu transformar em romance, redigido em português, a narrativa militar publicada em francês, em 1871, pelo Visconde de Taunay, intitulada *La retraite de Laguna: épisode de la guerre du Paraguay* (1871). O trabalho de Noronha consistiu, na verdade, em dar nova forma ao texto do autor brasileiro, constituído de apontamentos tomados aos relatórios oficiais enviados, semanalmente, por Taunay, da frente oriental da guerra (atual Mato Grosso do Sul) à Corte. No *Guia de Mato Grosso* (1909) encontramos, portanto, os personagens citados por Taunay e as situações por ele relatadas; entretanto, por tratar-se de outro gênero literário, o escritor lançou mão de procedimentos diversos e criou alguns personagens que lhe permitiriam a construção de um romance histórico. No que diz respeito aos personagens, o romancista inseriu, em seu texto Senhorinha, uma jovem de Mato Grosso do Sul tornada prisioneira do inimigo. Depois de conseguir escapar e com o intuito de vingar-se das afrontas desferidas pelo comandante paraguaio, Senhorinha traveste-se

de homem, oferece sua ajuda e seus préstimos ao comando brasileiro que os recusa, e segue, disfarçada de soldado, as tropas brasileiras, salvando-as em momentos decisivos. A personagem Senhorinha, outra donzela-guerreira da ficção referente à Guerra do Paraguai, não teria sido sugerida a Eduardo de Noronha pela figura de Jovita, também? Certamente o escritor português deveria conhecer vários relatos referentes a donzelas guerreiras. No entanto, não haveria a possibilidade de o romancista português ter tomado conhecimento da biografia de Jovita Alves Feitosa, por meio de jornais e livros publicados no final do século XIX e início do XX? Este modelo não teria sido bem eficiente para a ficcionalização de uma moça soldada brasileira?

Com relação à temática referente ao gênero, ambas as figuras, a de Jovita, assim como a de Senhorinha, destacam-se por permitir reflexões de duas ordens: em primeiro lugar, acerca da participação de mulheres nas atividades de guerra; em segundo, por evidenciar, mais uma vez, no contexto histórico ocidental, a representação da donzela-guerreira. Quanto à participação de mulheres na guerra, não se sabe, na verdade, quantas seguiram para as frentes de batalha acompanhando seus maridos (formando o que se designava “impedimenta”), quantas eram prostitutas, vivandeiras, enfermeiras, quantas morreram, quantas sobreviveram. Sabe-se que elas agiam em várias frentes, chegando mesmo a ajudar nos combates. A história da Guerra do Paraguai tende a ser relatada a partir dos feitos heroicos dos homens, dos comandantes, dos generais e, mais recentemente, algumas vezes, dos comandados, dos simples soldados. Mas a perspectiva sobre os fatos acaba sendo, normalmente, a masculina. As mulheres envolvidas no conflito, na verdade, nem foram contabilizadas. Sabemos, por meio de depoimentos de pessoas nele envolvidas, que, não importando sua condição, elas não tinham quaisquer direitos – nem a alimentação, nem a cuidados médicos ou a remédios, nem aos abrigos oficiais (DOURADO, 2005). É possível que esse silêncio e esquecimento se decorra do caráter essencialmente masculino, então dominante nas forças armadas, a cujos quadros era vedada a integração de mulheres, a menos que fosse para exercer o ofício de enfermeiras. Essa restrição talvez ocorresse em decorrência do patriarcalismo dominante na própria sociedade brasileira da época, para quem a carreira das armas era eminentemente viril e destinava as mulheres às atividades do lar, aos cuidados da família, apenas. Maria Tereza Garritano Dourado (2014, p. 188-189) faz referência também à presença de crianças brasileiras que teriam participado indiretamente do conflito, na Marinha de Guerra do Brasil: delas temos raras notícias. Tratava-se de meninos com idade entre nove e 11 anos. Engajados pela Companhia de Aprendizes para os batalhões navais, esses meninos ajudavam na cozinha dos navios, tratavam dos animais levados a bordo, trabalhavam na limpeza. Maltratados, chegavam inclusive a sofrer violências sexuais por parte dos marinheiros.

Walnice Nogueira Galvão, autora de *A Donzela-Guerreira*. Um estudo de gênero (1988), define o que caracteriza a donzela-guerreira: trata-se, em sua visão, de “filha de pai sem concurso de mãe” cujo destino “é assexuado, não pode ter amante, nem filho. Interrompe a cadeia das gerações, como se fosse um desvio do tronco central e a natureza a abandonasse por inviabilidade” (1998, p. 11). Costuma ser filha primogênita, ou

unigênita – às vezes caçula. O pai não tem filhos homens adultos, ou não os tem de modo nenhum. Ela corta os cabelos, adota o uso de roupas e modos masculinos, disfarça os seios e os quadris, foge da intimidade dos homens. O corte dos cabelos representaria a travessia pela alteridade, evidenciando sua integração ao universo masculino. Ainda em conformidade com a estudiosa, a donzela-guerreira se destaca pela pureza e fragilidade da donzela à qual se associam a força moral e a belicosidade de um guerreiro. Sua ação tende a ser originária de uma vingança pessoal e esta a leva a agir em prol do grupo.

Muitas são as donzelas-guerreiras da tradição ocidental, sendo as mais conhecidas entre nós, possivelmente, a mítica Palas-Atena, Joana d’Arc, Diadorim, a Monja Alferes, as valquírias das sagas germânicas, as amazonas, além de tantas mais. Em seu artigo referente às donzelas-guerreiras, Valdeci B. M. Oliveira (2005) remete aos viajantes europeus a adaptação sul-americana do mito grego das amazonas. Escritos de Frei Gaspar de Carvajal, por ele citados, retomam Francisco Orellana, que teria visto, na selva amazônica, algumas dessas mulheres; estas teriam, inclusive, lutado contra o conquistador. Concluiu-se, porém, mais tarde, que as tais amazonas eram apenas índios de cabelos compridos...

No capítulo intitulado “Patrícias Façanhudas”, do mesmo livro sobre a donzela-guerreira, e retomando Hobsbawm, Walnice Galvão (1998, p. 81-84) percebe três categorias de mulheres guerreiras: as guerreiras-consortes (como Maria Bonita, mulher de Lampião), que seguem o marido na vida fora da lei; as mulheres de apoio logístico, que ficam fora do bando, mas cozinham, plantam, confeccionam balas etc.; e as donzelas-guerreiras propriamente ditas, como Jovita Alves Feitosa ou Dona Senhorinha (sua representação), o foram na Guerra do Paraguai, as quais se envolveram nos conflitos e denunciaram sua exclusão.

Finalmente a retomada, aqui, da figuração da donzela-guerreira – daquela tomada à ficção ou daquela tomada à História ou à reportagem jornalística - nos leva a refletir acerca da permanência dessa personagem de origem mítica também em nosso imaginário nacional bem como acerca da condição feminina em um universo dominado pelo masculino, das razões de seu esquecimento (ainda há lacunas no que diz respeito à vida de Jovita, particularmente, e, de modo geral, da atuação das mulheres no entorno da guerra do Paraguai) e, finalmente, acerca da subalternidade a que acaba sendo relegado o papel da mulher na representação de nossa sociedade.

WIMMER, N. Jovita: The Warrior Maiden of the War of Paraguay. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 11, n. 2, p. 194-200, 2019. ISSN 2177-3807.

## Referências

ASSIS BRASIL, F. *Jovita a Joana d’Arc brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

BORGES, T. M. F.; PERARO, M. A. (Org.). *Brasil e Paraguai. Uma releitura da guerra*. Cuiabá: Edufmt/Entrelinhas, 2012.

COARACY, J. A. V. *Traços biográficos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa*. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Brito & Irmão, 1865.

DORATIOTO, F. *Maldita guerra: nova história da guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOURADO, M. T. G. *História esquecida da Guerra do Paraguai. Fome, doenças e penalidades*. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

\_\_\_\_\_. *Mulheres comuns, senhores respeitáveis. A presença feminina na Guerra do Paraguai*. Campo Grande: UFMS, 2005.

GALVÃO, W. N. *A donzela guerreira. Um estudo de gênero*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

NORONHA, E. *O guia de Mato Grosso. Episódio da guerra do Paraguai conforme o interessante livro do escritor brasileiro d'Escragolle Taunay: "A retirada de Laguna"*. Coimbra: França Amado, 1909.

OLIVEIRA, V. B. M. *Figurações da donzela guerreira: Luzia Homem e Dona Guidinha do Poço*. São Paulo: Annablume, 2005.

TAUNAY, A. E. *La retraite de Laguna: épisode de la guerre du Paraguay*. Paris: Typographie Nationale, 1871.

Recebido em: 16 out. 2019

Aceito em: 18 nov. 2019